



Revista de Teologia e Ciências da Religião da Unicap

ESCOLAS RADIOFÔNICAS E CIDADANIA: UMA EXPERIÊNCIA PIONEIRA DA IGREJA NO BRASIL

Radiophonic schools and citizenship: a pioneering experience of the Church in Brazil

Luiz Alencar Libório¹

Luzia Valladão Ferreira²

RESUMO

Este estudo pretende refletir sobre a contribuição histórica da Arquidiocese de Natal/RN, que, sem intromissões e sem fugir à sua responsabilidade em prol dos empobrecidos, fez diferença através das escolas radiofônicas. Sem a devida atenção das autoridades competentes, uma população ignorante se torna empobrecida, e sem acesso aos direitos inerentes à sua dignidade humana. Em meados do século XX, no Nordeste brasileiro, a Igreja Católica se fez agente de mudança política e social, através de uma série de ações, partes do conhecido “Movimento de Natal”. Uma delas foi a implementação de uma experiência pioneira: um programa sistemático de educação básica pelo rádio. Se nos dias atuais, a educação a distância é considerada trivial, na época exigiu ingentes esforços do idealizador, Dom Eugênio Sales, e de um grande grupo de despretensiosos voluntários que comungaram do mesmo ideal: empoderar o homem do campo e da periferia. A experiência ganhou força tornando-se o Movimento de Educação de Base (MEB) criado pela CNBB e apoiado, posteriormente, pelo Governo Federal. Além da alfabetização, a proposta educativa visava a uma efetiva participação de todos na vida política da nação. Com a instauração do governo militar, em 1964, o programa foi extinto por ser considerado de caráter comunista já que despertava um posicionamento crítico frente às injustiças sociais da época.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Empoderamento. Liderança.

ABSTRACT

This study intends to contemplate on the historical contribution of the Archdiocese of Natal/RN that - without interferences and without fleeing to its responsibility on behalf of impoverished, - made difference through the radiophonic schools. Without the due attention of the competent authorities, an ignorant population becomes impoverished, and without access to the inherent rights to the human dignity. In the middle of the XX century, in the Brazilian Northeast, the Catholic Church became agent of political and social change, through a series of actions, parts of the Movement of Natal/RN. One of them was the implementation of a pioneering experience: a systematic program of basic education through the radio. If in the current days the education at the distance is considered trivial, at that time it demanded enormous efforts of the idealizer, Mgr. Eugênio Sales, and of a great group of unpretentious volunteers that took communion of the same ideal: to empower the man of the field and of the periphery. The experience won force becoming the Movement of Education of Base (MEB) created by CNBB and supported, later, by the Federal Government. Besides the alphabetic teaching the educational proposal sought an effective participation of all in the political life of the nation. With the military government's instauration, in 1964, the program was extinguished for being considered of communist character since it woke up a critical attitude before the social injustices at the time.

KEYWORDS: Education. Empowerment. Leadership.

¹ Professor/Pesquisador do Grupo de Pesquisa Religiões, Identidade e Diálogos da UNICAP. Licenciado em Filosofia, Teologia e Psicologia. Mestre e Doutor em Psicologia da Família (2001) pela Pontifícia Universidade Salesiana de Roma (UPS). É professor de Psicologia da Religião e Direitos Humanos, Ética e Religiões no Mestrado e Doutorado de Ciências da Religião da UNICAP. É autor de livros e de artigos nacionais e internacionais. E-mail: laliborio@terra.com.br

² Professora e Mestranda em Ciências da Religião da Unicap.

1 INTRODUÇÃO

O Brasil e o mundo, hoje, convivem com a força da tecnologia. Em todos os setores, equipamentos tecnológicos, cada vez mais sofisticados, estão presentes na sociedade, proporcionando estreiteza, encurtamento de distâncias e facilitando conexões em tempo real. Dentre as diversas formas de tecnologia existentes, temos o registro da transmissão da voz humana a distância pelo sistema de comunicação através do rádio, inventado, em 1896, pelo italiano Guglielmo Marconi³.

Apesar da disponibilidade desse recurso e apesar de o rádio ter-se tornado um dos utensílios “indispensáveis” em cada residência, sua utilização esteve, por muito tempo, restrita, e não totalmente aproveitada, em termos de comunicação. Quando se fala em comunicação, aqui, referimo-nos à comunicação que transforma a vida das pessoas, dando-lhes oportunidades de autonomia, através do conhecimento capaz de vencer as adversidades inerentes à vida do ser humano.

Quando a Igreja Católica fala em adversidade, fala sobre o que afeta a vida das pessoas. No Nordeste do Brasil, na metade do século XX, muitos do campo e da periferia das cidades estavam dispersos e sem oportunidades de uma sobrevivência digna na sociedade.

Diante dessa realidade, em Natal/RN, Dom Eugênio Sales, Administrador Apostólico da Arquidiocese, entendeu que a Igreja precisava agir embora não fosse de sua competência, mas do Estado, sanar os problemas sociais da população desassistida.

Nesta perspectiva, o Rio Grande do Norte desempenhou um destacado papel como Igreja com a dinamicidade desse Administrador Apostólico que soube aglutinar forças e dinamizar o clero, unindo-se a leigos, num conjunto de atividades que, além de identificar problemas, apontou soluções concretas de empoderamento social. Dentre essas atividades, destacamos a instalação das Escolas Radiofônicas como forma de levar, aos lugares mais distantes e isolados, a educação básica, oportunizando assim novas perspectivas de vida para os que não podiam frequentar a escola tradicional.

A iniciativa foi pioneira no Brasil. A Arquidiocese de Natal/RN foi a primeira a implantar um programa sistemático e organizado de educação básica pelo rádio. Como

³ Disponível em: <http://historia-da-comunicacao.blogspot.com.br/2012/03/o-surgimento-do-radio.html>

Rev. Teol. Ciênc. Relig. UNICAP, Recife, v. 7, n. 1, p. 114-125, jan. jun., 2017 | Submetido em 15/05/2017. Aceito em 04/08/2017.

parte do “Movimento de Natal”, as Escolas Radiofônicas tiveram grande repercussão no país e o sistema foi copiado por outras Dioceses, dando origem ao Movimento de Educação de Base (MEB).

“Movimento de Natal” é o título que sintetiza o conjunto de atividades, conhecido e comentado em todo o Brasil, e também no exterior, em função das diferentes formas de ação que a Diocese de Natal/RN realizou com o objetivo de possibilitar aos mais carentes da sociedade o acesso às condições favoráveis de uma vida digna como a proposta pelo Evangelho.

A atividade missionária, no período em questão, exigiu criatividade, empenho e profissionalização por parte de quem nela se envolveu, pois vários fatores de ordem política e econômica interferiam, dificultando a vida dos mais empobrecidos.

2 TRADIÇÃO MISSIONÁRIA DA ARQUIDIOCESE DE NATAL/RN

A Arquidiocese de Natal/RN tem como padroeira Nossa Senhora da Apresentação e fiéis católicos com devoção que remonta ao período colonial numa religiosidade popular, herança marcada pela aparição da imagem de Nossa Senhora em 1753, no Rio Potengi. Conta a tradição que pescadores encontraram a imagem trazendo uma mensagem que dizia: *“Onde parar essa imagem, tirem-na e rendam-lhe culto. Nossa Senhora protegerá o local e defendê-lo-á de todas as desgraças”*.

Fiéis aos ensinamentos de Roma, tanto o clero quanto os católicos em geral voltavam-se para o sofrimento dos necessitados, em termos, porém, de conforto espiritual. Fato marcante dessa tradição foi o sacrifício de vários fiéis católicos em 1645, em Uruaçu e Cunhaú. Esses trinta cristãos, massacrados pelos holandeses, deram à Arquidiocese de Natal a honra do reconhecimento dos protomártires do Brasil pelo Papa João Paulo II, em 5 de março de 2000.

Tendo por princípio cristão a caridade fraterna, a Igreja Católica, tradicionalmente desde o período colonial, entendia ser sua função suprir as necessidades dos empobrecidos, amenizando os problemas que afetam a alma. As dificuldades materiais eram atendidas com ações isoladas e assistencialistas fazendo-a incorrer numa falta de visão para os problemas de ordem social

As ações caritativas existiam, mas não integradas ao perfil do homem como um todo.

3 A IGREJA CATÓLICA EM AÇÃO

3.1 A Igreja e o Estado Brasileiro

As décadas da primeira metade do século XX foram envolvidas por acontecimentos históricos e políticos que marcaram fortemente o país e o mundo. A Igreja do Brasil precisou adotar posturas novas na sua pastoral para atender às necessidades do momento. As orientações das encíclicas *Rerum Novarum* (1891) de Leão XIII, e a *Quadragesimo Anno* (1931), de Pio XI, direcionaram os católicos para a conscientização dos “novos tempos”.

A modernização política e econômica promovida no Brasil de então, pelo governo de Getúlio Vargas, seguido pelo de Juscelino Kubitschek, desencadeou, simultaneamente, um acelerado crescimento da urbanização com impactos positivos e negativos para a realidade nacional. Entretanto, uma série de medidas adotadas, na verdade, mascarava as desigualdades sociais. Por um determinado tempo a Igreja se fez presente num entrosamento com o Estado exercendo papel de grande envergadura com expressão nacional.

Nesse entrosamento, dentre as ações governamentais, alguns empreendimentos favoreceram o Nordeste brasileiro como a criação do Banco do Nordeste do Brasil (BNB) em 1952 e a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) em 1959. O primeiro com objetivo de orientar para o desenvolvimento da região e o segundo para promover o planejamento regional e entrosamento dos diversos órgãos federais. A Igreja contribuiu decisivamente para esses empreendimentos.

A partir de meados dos anos 1950, em decorrência do maior comprometimento dos bispos do Nordeste com as questões sociais, a Igreja do Brasil passou a viver uma fase de otimismo, em sintonia com o entusiasmo desenvolvimentista do governo JK e do prestígio dado por ele à colaboração social da instituição católica. Havia muito alarde, embora os resultados fossem relativamente restritos. Não obstante, esse clima de entusiasmo ofereceu condições, não apenas para que se pusesse em movimento a pesada máquina institucional, mas, sobretudo para que ela

começasse a ser orientada por novos rumos de atuação pastoral (AZZI, 2008, p.634-635).

Como ações internas, e específicas, da Igreja do Brasil, passos concretos foram dados no sentido de reorganização e atualização das suas pastorais em vista do bem comum. Como exemplo, elencamos a criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em 1952, e da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), em 1954. Uma para assegurar estreita integração entre os bispos e a outra para que, segundo os princípios católicos, com as luzes do Espírito Santo, os religiosos pudessem responder aos questionamentos da realidade de então.

Em termos de Igreja, vale a pena ressaltar uma série de acontecimentos que contribuíram não apenas para uma grande renovação interior da igreja, mas também para o alargamento de seus horizontes e o estabelecimento de relações mais sistemáticas e institucionais com as demais igrejas da América Latina e da América do Norte. Além disso, a arrancada desenvolvimentista, empreendida por Kubitschek, encontrou acolhida favorável por parte da Igreja, fomentando e tecendo entre Igreja e Estado uma relação não simplesmente de respeito mútuo e diálogo, mas, sobretudo, de fecunda cooperação em prol do desenvolvimento, (CNBB, 2003, p. 33).

3.2 A Igreja e o Nordeste brasileiro

Inúmeros acontecimentos ocorreram na metade do século XX, causando impacto na vida do brasileiro, em especial do nordestino. Também a cidade de Natal/RN, e adjacências, sofreram as consequências desses acontecimentos além das experimentadas anteriormente, ocasionadas pela presença das forças americanas quando da Segunda Grande Guerra Mundial (1942-1945).

Na realidade, a 2ª Guerra Mundial transformara completamente o panorama internacional. O mundo passou a ser dividido em dois grandes blocos, conflitantes entre si, com uma liderança forte e militante em cada um deles (CNBB, 2003, p. 31).

Via-se um tempo que ficou conhecido por “anos dourados”. “Criavam-se novos hábitos no vestir, na alimentação, nas formas de conduta, esporte e lazer. Operava-se uma paulatina secularização nas relações familiares e sociais” (AZZI, 2008, p. 164).

Em Natal/RN, dos americanos instalados na cidade, a população incorporou hábitos que sinalizavam avanço e progresso. Novos serviços surgiram para atender às demandas da época assim como cresceu o acesso a modernos bens de consumo. Entretanto, após o retorno dos americanos aos EUA, no final da guerra, o cenário se transformou com o desaparecimento do que parecia se perpetuar na sociedade de consumo.

Além disso, a seca, que periodicamente assola a região, fez-se presente e causou forte sofrimento, principalmente aos interioranos. Considerando que a Arquidiocese de Natal abrange uma área de aproximadamente 53 mil km², o desafio da missão exigia criatividade, dinamismo, inovação para amenizar o quadro social que se instalou.

Na capital, os problemas, criados pelo inchaço populacional e que não encontravam solução na esfera governamental, eram trabalhados pelo clero e pela equipe de voluntários do “Movimento de Natal” liderado por Dom Eugênio Sales. No interior, a dificuldade para atender às necessidades da população era maior por não haver número suficiente de sacerdotes para todas as paróquias da Arquidiocese.

Fazia-se necessário encontrar caminhos novos para chegar a todos os que estavam vivendo em condições abaixo da linha de pobreza e, portanto, sem a devida dignidade social.

4 UMA EXPERIÊNCIA BEM-AVENTURADA

A Igreja Católica crê que, pela força do Espírito Santo, os problemas temporais instigam voluntários ao serviço despretensioso de auxiliar os mais necessitados.

A Arquidiocese de Natal/RN, então, contando também com a colaboração de voluntários, buscou um recurso disponível – a transmissão radiofônica – para fazer chegar a todos, indistintamente, o que na forma tradicional era negado a muitos: *acesso à alfabetização*.

Na sua fundamentação, o projeto das escolas radiofônicas não estava limitado à alfabetização. Além da alfabetização, considerado como um objetivo secundário, o que se pretendia era transmitir uma educação de nível básico instigando as pessoas ao compromisso da cooperação mútua. Para isso o programa incluía aulas de higiene familiar,

agricultura, tratamento de animais, culinária, princípios cooperativos, cidadania etc. (SANTANA, 2015, p. 103).

A educação pelo rádio caracterizou o Movimento de Natal e foi a primeira nessa modalidade de ensino no Brasil.

Convém relatar que o Movimento de Natal teve seu início a partir da década de 1940 com atividades que, em alguns casos, atingiram dimensão nacional. Além das Escolas Radiofônicas que inspiraram o Movimento de Educação de Base (MEB) e Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), pode-se mencionar o primeiro Regional da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), abrangendo Dioceses pertencentes aos Estados Nordestinos do Maranhão à Bahia; a organização de trabalhadores em sindicatos rurais; paróquias confiadas a religiosas; e também a Campanha da Fraternidade, que, em 1964, foi assumida pela CNBB, em todo território nacional.

Dois autores, Alceu Ferrari e Cândido Procópio Ferreira de Camargo destacam esse Movimento através de suas publicações intituladas “Igreja e Desenvolvimento — Movimento de Natal” e “Igreja e Desenvolvimento”, respectivamente.

Três acontecimentos preponderantes, afirma Ferrari, marcam o percurso evolutivo do Movimento: a reunião mensal do clero a partir de 1948, a fundação do Serviço de Assistência Rural (SAR), em 1949 e o treinamento de líderes iniciado em 1952 (FERRARI, 1968, p. 43).

É ainda Ferrari que enfatiza a inauguração da Emissora de Educação Rural, pela Arquidiocese de Natal/RN, no dia 10 de agosto de 1958, dando origem às Escolas Radiofônicas numa primeira experiência de educação de base pelo rádio (FERRARI, 1968, p.85). No ano seguinte, a experiência foi implantada em Aracaju e também discutida com os Poderes Públicos no II Encontro de Bispos do Nordeste em Natal. Em 1961, a CNBB e a Presidência da República assinaram acordo instituindo o Movimento de Educação de Base (MEB) direcionado a todo Brasil.

O dinamismo de Dom Eugênio Sales gerou oportunidades ímpares, em diferentes formas, na vida de centenas de pessoas desassistidas no interior do Nordeste seja pelo que realizava diretamente, seja pelas adesões de outros copiando suas iniciativas. A Igreja católica, através da sua atuação, abriu portas, mostrou caminhos, conduziu seus filhos espirituais na busca da própria dignidade.

Dizia Dom Eugênio,

O papel da Igreja neste campo fora assim conceituado por D. Eugênio em sua Palestra Dominical de 7 de maio de 1960: “Realmente, não pode a Igreja resolver problemas de ordem econômica e material, pois competem ao Governo. Mas pode fazer e faz realmente ensinar o caminho e organizar seus filhos para que, dentro da Verdade e da Caridade, possam cumprir deveres e fazer valer direitos. Ésse o sentido do movimento associativista estimulado pelo Serviço de Assistência Rural” (FERRARI, 1968, p. 92).

O projeto inovador de Dom Eugênio, inspirado no modelo criado em 1947, na Colômbia, pelo Padre José Salcedo, desempenhou um papel de grande relevância no meio rural e nas populações de periferia em Natal, não só em termos de alfabetização mas de apoio à sindicalização rural e à conscientização da dominação política e econômica, no início dos anos de 1960.

Programas radiofônicos com campanha contra a “compra” de voto e o voto de “cabresto” marcaram o período e serviram de motivação para outros programas voltados para a “politização”, preparados e veiculados em transmissões radioeducativas do MEB.

5 ESCOLAS RADIOFÔNICAS: PARTE DO “MOVIMENTO DE NATAL/RN”

A primeira aula de um curso a distância, no Brasil, deu-se em 20 de setembro de 1958, através da Rádio Rural, pertencente à Arquidiocese de Natal/RN, sob a coordenação do SAR.

O funcionamento de uma escola radiofônica está condicionado a um transmissor de rádio que passa os conteúdos didáticos aos alunos e um receptor de rádio que, na comunidade escolar, recebe os referidos conteúdos. Junto ao primeiro está o professor e ao segundo, um voluntário (monitor) para intermediar alunos e professores no processo da aprendizagem.

Na experiência de Natal, a cooperação da comunidade foi decisiva porque o plano não poderia ser executado sem que houvesse voluntários. Os recursos disponíveis eram insuficientes para pagar mais de 2 000 pessoas envolvidas no trabalho. Importante se torna destacar a valiosa presença desses voluntários que abraçaram a causa e, na visão da Arquidiocese, fizeram valer a força e determinação da fraternidade cristã.

De concreto, o que estava garantido para o funcionamento do programa, nas diversas localidades, era um receptor, um quadro negro, giz e um livro texto. Os ambientes podiam variar de acordo com as condições da localidade: um prédio público cedido, uma escola da comunidade, a casa de um monitor, uma “latada” que os abrigasse. Qualquer lugar servia para reunir os alunos que sentariam no chão, caso não encontrassem mesas e cadeiras.

O monitor, com uma adequada preparação ministrada por técnicos do SAR, orientava os alunos na busca dos conteúdos em seus livros, esclareciam suas dúvidas e facilitava a compreensão das atividades a serem executadas.

As dificuldades sempre fizeram parte do processo de condução e na realização das escolas radiofônicas. Como já foi mencionado, ao ser criado o MEB, as escolas radiofônicas passaram a receber uma certa ajuda e isso é o que relata Dom Eugênio em entrevista concedida.

Graças a algumas valiosas ajudas financeiras, inclusive do governo, o SAR tem sido capaz de enviar um bom número de técnicos para o interior a fim de ajudar a desenvolver o programa. Uma ajuda extraordinária. Mas o trabalho continua com ou sem dinheiro, com ou sem carteiras, com ou sem recursos externos porque nunca falta boa vontade às pessoas com sentido apostólico, tampouco o desejo dos analfabetos de aprenderem a ler e a escrever (SANTANA, 2015, p.103).

Muitas das escolas estavam distante das sedes dos municípios. Algumas em povoados, outras em sítios e fazendas aonde deveriam ir os supervisores para o devido acompanhamento dos trabalhos. Conforme relata Ferrari, tem-se a ideia do quanto era exigido dos voluntários.

Acompanhando elementos da Equipe de Supervisão em visitas a cerca de 60 Escolas em 12 municípios, tivemos oportunidade de dar-nos pessoalmente conta a dureza o trabalho realizado pelos supervisores, andando por estradas esburacadas, quase intransitáveis, à procura de alguma antena à beira do caminho, por dentro dos roçados ou atrás dos morros. Nesta peregrinação, mais de uma vez andamos quilômetros a pé, por dentro de roçados ou matas, em busca de Escolas que – informavam os moradores à beira da rodagem – estavam logo aí... atrás do morro! (FERRARI, 1968, p. 160).

Alguns locais não dispunham de energia elétrica, ocasionando certa dificuldade ao funcionamento das aulas, e a solução era o uso de lampião a gás e baterias para os receptores portáteis.

Em sua grande maioria, os alunos se encontravam na faixa de 17 a 25 anos de idade, mas havia também outros entre 8 a 80 anos. Os párocos e os líderes comunitários incentivavam a todos, motivando-os a participarem dos cursos. Como o Movimento de Natal abrangia uma série de situações que faziam parte das suas vidas, nas escolas radiofônicas, esses assuntos eram também tratados.

Afinal, o objetivo prioritário era a conscientização do poder que cada pessoa possui e a dinâmica do exercício da cidadania que compete a cada um. Conhecer e cumprir eticamente os deveres e lutar pelos direitos conferidos por lei estavam nos fundamentos do “Movimento de Natal/RN” que utilizava o instrumento radiofônico para empoderar o cidadão rural.

A ênfase consistia em contribuir para que os novos conhecimentos ajudassem o homem do campo a questionar, a crescer, não apenas sozinho, mas em comunidade, sem afastá-lo da própria realidade e do seu saber construído.

O trabalho que começou em Natal, e se espalhou por todo Brasil, deu origem ao Movimento de Educação de Base (MEB) criado pela CNBB e apoiado pelo Governo Federal através de decreto presidencial e convênio com vários ministérios.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso entendimento considera ser de grande valia ressaltar a contribuição histórica da Arquidiocese de Natal/RN através das escolas radiofônicas, parte integrante de um amplo movimento em prol do acesso, de tantos empobrecidos, à dignidade humana.

Se, hoje, as possibilidades de educação a distância parece-nos trivial, há bem pouco tempo essa modalidade de ensino chegou por intermédio de uma equipe de voluntários que, despretensiosamente, uniram-se ao administrador apostólico, Dom Eugênio Sales, num árduo trabalho em função da falta de recursos econômicos e materiais.

As dificuldades foram todas trabalhadas e vencidas pela força da espiritualidade e da motivação em tornarem-se agentes de mudança numa época em que injustiças golpeavam os menos esclarecidos.

Um simples aparelho de rádio cativo, pois só sintonizava uma estação transmissora, fez uma revolução cultural que, reconhecidamente aceita como eficaz, foi incorporada por

várias outras dioceses no Brasil e, finalmente, pelo próprio governo federal através da criação do MEB.

A proposta educativa visava a uma efetiva participação de todos da sociedade na vida política da nação. Infelizmente, com a instauração do governo militar em 1964, o programa foi extinto por ser considerado de caráter comunista já que despertava um posicionamento crítico frente às injustiças sociais da época.

Neste resgate, focamos a presença da Igreja Católica realizando um trabalho que, apesar de não ser da sua responsabilidade, fazia-se necessário. Como frisou seu principal articulador, a necessidade maior era formar líderes leigos, conscientes e éticos capazes de assumirem a condução de suas próprias vidas e dispostos a contribuir com o bem-estar da sociedade em geral. Segundo Dom Eugênio, se à Igreja não cabe dirigir politicamente a sociedade, cabe, entretanto, orientar os que devem responsabilizar-se por esta função.

Neste sentido, a Igreja, sem intromissões e sem fugir à sua responsabilidade, fez a sua parte.

REFERÊNCIAS

AZZI, R.. Klaus van der Grijp. *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo*, tomo II/3-2: terceira época:1930-1964. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CARVALHO, M. A.D; PEIXOTO, M.J.T.; PAIVA, M.M (Org.). *Escolas Radiofônicas de Natal- Uma história construída por muitos (1958-1966)*. Brasília-DF: Ed. Liber Livro, 2009.

FERRARI, A.. *Igreja e Desenvolvimento - Movimento de Natal/RN*. Natal: Fundação José Augusto, 1968.

INSTITUTO NACIONAL DE PASTORAL-CNBB (Org). *Presença Pública da Igreja no Brasil (1952-2002): Jubileu de Ouro da CNBB*. São Paulo: Paulinas, 2003.

MOVIMENTO DE NATAL. Disponível em: <http://domeugeniosales.webnode.com.br/fatos-da-historia/movimento-de-natal/>. Acesso em: 03.12.2016.

SANTANA, O.E; AMMANN, S.B.; GUERRA, M.J. de C. (Org.). *Dom Eugênio Sales em Natal – Fé e Política*. Trad. Manuel Carlos Chaparro; Camy Harland Condon. Natal: Ed. Edufrn, 2015.